

A última nave rebelde oscilou com o pseudomovimento e desapareceu no hiperespaço... depois de uma batalha de trinta e seis horas, o coração do setor Kanchen era finalmente deles.

— Suspenda o estado de alerta de combate, capitão — ordenou Thrawn, com a voz satisfeita. — Mudem para bombardeamento planetário e mande o capitão Harbid transmitir nossos termos de rendição com o governo de Xa Fel.

— Sim, senhor — aquiesceu Pellaeon, digitando a ordem. O Grande Almirante voltou o rosto para o lado dele.

— E pode acrescentar mais uma mensagem a todas as naves: Parabéns!

— Sim, senhor.

O capitão transmitiu a mensagem sorrindo. Sim, o Grande Almirante sabia como liderar homens, pensou ele, enquanto digitava. Em seu console, uma luz acendeu-se, indicando que a decodificação de outra mensagem se completara. Ele a recebeu e tomou conhecimento do conteúdo...

— Um relatório de Tangrene? — indagou Thrawn, ainda olhando para o planeta indefeso abaixo.

— Sim, senhor. Os rebeldes enviaram mais dois cargueiros ao sistema. Varreduras de longo alcance sugerem que descarregaram alguma coisa no sistema interior quando estavam a caminho, mas até agora a Inteligência foi incapaz de localizar ou identificar essa carga.

— Diga a eles para não tentar — avisou Thrawn. — Não queremos assustar nossa presa.

Pellaeon assentiu, maravilhado com a habilidade do Grande Almirante ao prever as ações dos oponentes. Até vinte horas atrás teria jurado que os Rebeldes não seriam audaciosos a ponto de empatar uma grande frota numa única batalha para obter um emissor CGT. Tudo indicava que foram.

— Estamos também recebendo relatórios sobre naves rebeldes passando devagar pela área de Tangrene. Naves de guerra, naves de

apoio... todo o aparato — informou o capitão.

— Ótimo.

Havia algo de intranquilo na forma como o Grande Almirante cruzou as mãos atrás das costas.

No monitor à frente de Pellaeon, nova informação: o governo de Xa Fel aceitara os termos de rendição.

— Mensagem do *Mão da Morte*, Grande Almirante. Xa Fel rendeu-se.

— Nada inesperado. Informe ao capitão Harbid que ele vai organizar as aterrissagens e movimentos das tropas de desembarque. Você, capitão, vai reconfigurar a frota em formação defensiva até que as defesas planetárias sejam colocadas sob nosso comando.

— Sim, senhor. Algo está errado, senhor?

— Não sei. Vou para minha sala de comando. Encontre-me lá em uma hora — respondeu Thrawn, devagar. Depois sorriu. — Talvez eu tenha a resposta para essa pergunta.

Gillespee terminou a leitura e passou a prancheta a Mazzic.

— Você nunca deixa de me surpreender, Karrde — murmurou ele, num volume suficiente para ser ouvido. — De onde você garimpou esse material?

— Por aí... — respondeu Karrde, agitando a mão num gesto vago. — Numa das minhas andanças.

— Isso não me diz nada — reclamou Gillespee.

— Acho que não era mesmo para dizer — comentou Mazzic, devolvendo a prancheta para Karrde. — Concordo; é muito interessante. A pergunta é se podemos acreditar nisso.

— A informação em si é de fonte confiável — garantiu karrde. — Minha interpretação dela está aberta a discussões.

— Não sei. Parece um pouco desesperado para mim — opinou Mazzic.

— Eu não diria desesperado... ao invés disso, chamaria de uma tática ousada da Aliança Rebelde, que era muito comportada. Pessoalmente, acho que um ataque desse tipo deveria ter sido realizado há mais tempo... estão mais na defensiva do que deveriam.

— Isso não muda o fato de que se isso não funcionar vamos perder um bocado de naves — lembrou Mazzic. — De uma a duas frotas de setor, se consegue acreditar num número desses.

— Certo. Mas se funcionar, eles conseguem uma grande vitória sobre Thrawn e uma grande elevação do moral. Sem mencionar o emissor CGT.

— Isso é outra coisa — disse Gillespee. — Para que eles precisam de um emissor CGT, afinal?

— Acho que está relacionado ao motivo pelo qual Coruscant suspendeu todo o tráfego civil nos últimos dias — relatou Karrde. — E tudo o que sei.

Mazzic inclinou-se em seu assento e enviou a Karrde um olhar especulativo.

— Esqueça o motivo pelo qual precisam do emissor. O que você pretende fazer a respeito?

Karrde deu de ombros.

— Me parece que a Nova República está bastante desesperada para colocar as mãos num CGT. Se estão com vontade de brigar por causa de um, presumi que também pagariam por um.

— Parece razoável — concordou Mazzic. — O que você quer que a gente faça? Entre escondido em Tangrene antes que eles cheguem lá?

— Na verdade, não. Pensei que enquanto estão todos ocupados, lutando em Tangrene, a gente podia apanhar o CGT em Bilbringi.

O sorriso desapareceu do rosto de Mazzic.

— Deve estar brincando.

— Não é má idéia — comentou Gillespee, bebericando o que restava na xícara. — A gente entra antes do ataque começar, apanha o CGT e se manda.

— Passando por metade da frota do Império? Que é isso? Já vi o poder de fogo que eles mantêm lá — argumentou Mazzic.

— Duvido que agora tenham mais do que o estritamente necessário. A menos que você acredite que Thrawn não vai antecipar e preparar-se para o ataque em Tangrene — disse Karrde.

— Nisso, você tem razão. Eles não podem se permitir a deixar a Nova República obter sucesso lá.

— Especialmente em Tangrene. Foi onde Bel Iblis atingiu o Império, há algum tempo.

Mazzic resmungou e puxou de novo a prancheta para reler as informações e analisá-las. Karrde aguardou e aproveitou para examinar o café onde se encontravam. Próximo à entrada principal, Aves e Gaughn, o tenente de Gillespee estavam sentados juntos numa das mesas, numa atitude bastante natural. A guarda-costas de Mazzic, Shada, estava flertando com Dankin e Torve, um ato que convencia até mesmo Rappapor e Oshay, dois homens de Gillespee. Mais três mesas com pessoal de apoio estavam espalhadas pelo café, pronta para a ação. Dessa vez, nenhum deles queria arriscar-se com a interferência do Império.

— Não vai ser fácil — avisou Mazzic, por fim. — Thrawn ficou furioso quando fizemos o ataque. Com certeza reorganizaram a segurança.

— Melhor. Não terão encontrado as falhas ainda — argumentou Karrde.

— Vai participar?

Mazzic olhou para a prancheta antes de responder.

— Acho que estou dentro. Mas só se você obtiver uma confirmação sobre o momento desse ataque a Tangrene. Não quero que Thrawn esteja a menos de cem anos-luz de Bilbringi quando chegarmos lá.

— Isso não deve ser problema — declarou Karrde. — Conhecemos os sistemas onde a Nova República está reunindo suas forças. Vou mandar meu pessoal dar uma espiada para ver o que descobrem.

— E se eles não conseguirem nada?

— De qualquer forma, preciso que Ghent nos inscreva na folha de pagamentos deles. Já que ele vai ter de entrar no sistema, pode verificar também os planos de combate.

Mazzic ficou a encará-lo por alguns instantes. Depois, caiu na risada.

— Sabe, Karrde, nunca vi ninguém jogar dos dois lados para chegar ao meio do jeito que você faz. Estou com vocês.

— Seja bem vindo. Gillespee?

— Já vi os clones de Thrawn em ação. Estou dentro, claro. Além do mais, se ganharmos, talvez eu recupere com a terra que o Império me tirou, em Ukio.

— Vou falar sobre isso com o pessoal da Nova República — prometeu Karrde. — Muito bem. Vou levar o *Wild Karrde* a Coruscant, mas vou deixar Aves encarregado de coordenar minha parte no grupo de ataque. Ele vai fornecer o plano de operação.

— Parece bom — concluiu Mazzic, enquanto todos se levantavam. — Sabe, Karrde, só espero que eu esteja por perto para ver o dia em que a Nova República perceber. Não sei se vai ganhar uma medalha, ou ser fuzilado... mas de qualquer forma, vai ser um belo espetáculo.

Karrde sorriu.

— Também tenho muita esperança de chegar a ver esse dia. Boa viagem, cavalheiros. Encontro com vocês em Bilbringi.

O disparo luminoso esverdeado partiu do destróier desfocalizado à distância. Chocou-se contra o escudo planetário invisível, depois reapareceu a uma curta distância, continuando em direção à atmosfera.

— Pare aí — pediu o almirante Drayson.

A gravação congelou-se, a mancha nebulosa de turbolaser com contornos angulares ficou com aparência artificial, parada em seu movimento no monitor principal.

— Peço desculpas pela qualidade da imagem — disse ele avançando com um marcador-laser. — A imagem do macrobinóculo só pode ser ampliada até certo ponto antes que os algoritmos comecem a granular. Mas acho que todos conseguem ver o que está acontecendo. O disparo do destróier estelar não está, em absoluto, penetrando no escudo planetário de Ukio. O que parece ser o mesmo disparo, na verdade é um segundo disparo, disparado por uma nave camuflada no *interior* do escudo.

— Tem certeza? — indagou Leia, olhando para a imagem indefinida.

— Temos. Conseguimos leituras de espectro nesses pontos — indicou ele, mostrando o local da interrupção. — Essa falha é tudo o que precisamos para provar a descontinuidade dos raios. A zona escura configura a silhueta de um cruzador Carrack, pelo tamanho. — Drayson

baixou o feixe luminoso e olhou ao redor da mesa. — Em outras palavras: a super-armas do Império não passa de um truque muito bem feito.

Leia pensou sobre a reunião no quarto do almirante Ackbar, quando ele estivera confinado.

— Ackbar uma vez preveniu a Han e a mim, de que o Grande Almirante iria encontrar formas de usar o escudo de camuflagem contra nós.

— Acho que ninguém vai discutir esse ponto. De qualquer jeito, isso deve colocar um fim nesse golpe, em particular. Vamos enviar um alerta a todas as forças de defesa planetária que da próxima vez que o Império tentar fazer isso, basta concentrar o fogo no local onde o raio dá a impressão de penetrar o escudo.

— Truque ou não, é um espetáculo impressionante — comentou Bel Iblis. — A posição e o sincronismo foram manejados de uma forma magistral. O que acha, Leia? Pode ser aquele Jedi esquisito que Luke encontrou em Jomark?

— Não tenho nenhuma dúvida — afirmou Leia, sentindo um arrepio. — Já vimos esse tipo de ação coordenada em outras batalhas de Thrawn. E sabemos, por Mara, que C'baoth e Thrawn trabalham juntos.

Fora um erro mencionar Mara. Sentiu um desconforto geral, mudanças de posição nas cadeiras e nas emoções dos presentes. Todos haviam escutado seus motivos para tomar a resolução unilateral de libertar Mara e nenhum gostara.

Bel Iblis quebrou o momento de constrangimento:

— De onde veio essa gravação de macrobinóculo, almirante?

— Daquele contrabandista, Talon Karrde. Uma pessoa de fora que veio oferecer informações valiosas que não resultaram em nada — declarou Drayson, olhando de forma significativa para Leia.

— Não é justo. O fato de termos perdido a Frota *Katana* não foi culpa de Karrde — protestou ela, olhando para Fey'lya. — Não foi culpa de ninguém. Fizemos o possível...

Fey'lya estava em seu período bothan de penitência, mantendo-se em silêncio à mesa. Leia deixou que o ressentimento contra ele se esvaísse. O reconhecimento do erro já o deixara paralisado. Não podia

deixar que a raiva a tornasse amarga e a aproximasse do lado negro da Força.

Bel Iblis limpou a garganta.

— Acho que o que Leia está tentando dizer, é que sem Karrde teríamos perdido muito mais do que a Frota *Katana*. Qualquer que seja a opinião pessoal de vocês a respeito de contrabandistas, estamos devendo a ele.

— Interessante ter dito isso, general, Karrde parece ver a coisa da mesma forma — disse Drayson, com voz fria. — Em troca dessa gravação e certos itens menores de Inteligência ele sacou uma quantia bem polpuda de uma linha de crédito especial da Nova República. Um crédito aparentemente autorizado pelo irmão da conselheira Organa Solo.

O comandante Sesfan, representante de Ackbar no Conselho, rolou os olhos protuberantes na direção de Leia.

— O Jedi Skywalker autorizou pagamento a um contrabandista?

— Autorizou — respondeu Drayson. — Sem passar pelas vias competentes, claro. Vamos fechá-la imediatamente.

— Não vão fazer isso — interveio Mon Mothma, com voz calma. — Se Karrde está do nosso lado ou não, o fato é que está motivado a nos ajudar. Isso já o faz digno de apoio.

— Mas ele é um contrabandista — protestou Sesfan.

— Han também era — lembrou Leia. — E Lando Calrissian, também já foi. Os dois se tornaram generais.

— *Depois* que se juntaram a nós. Karrde não assumiu esse compromisso.

— Isso não interessa. Precisamos de toda a ajuda que pudermos obter. Oficialmente, ou por outros meios — afirmou Mon Mothma, com determinação.

— A não ser que estejam preparando alguma. Mandaram essa gravação para conquistar nossa confiança e depois enviar informações falsas. Nesse meio tempo, ainda juntam um bom dinheiro — sugeriu o almirante.

— Precisamos nos certificar de que seremos capazes de verificar e perceber essa duplicidade. Mas não acredito que vá acontecer. Luke

Skywalker é um Jedi... e claramente confia nesse homem, Karrde. Além disso, por enquanto, nosso enfoque deve recair sobre a parte do destino que está em nossas mãos mudar. Almirante Drayson, tem o último relatório sobre a operação em Bilbringi?

— Tenho.

O almirante produziu um cartão de dados e ajustou-o à ranhura do monitor principal. Nesse instante, Leia escutou o ruído de um sinal eletrônico atrás de si. Winter apanhou o comunicador no cinto e falou baixinho nele. Leia sentiu a mudança na disposição dela.

— Algum problema? — sussurrou ela.

— Se eu puder ter a atenção de todos, agradeço — disse Drayson, em voz alta.

Leia voltou-se, sentindo o rosto ruborizar-se, enquanto Winter levantava e ia até a porta. O almirante seguiu-a com os olhos, desistindo de invocar a lei do aposento cerrado. A porta abriu-se e uma pessoa não percebida entregou um cartão de dados para Winter.

— Acredito que isso seja algo que não podia esperar, certo?

— Tenho certeza que podia — respondeu Winter, com olhar frio, retornando ao lugar e entregando o cartão para Leia. — Aqui está, Alteza. As coordenadas do planeta Wayland.

Um murmúrio de surpresa percorreu os presentes.

— Foi rápido — comentou almirante. — Tive a impressão de que esse lugar seria bem difícil de encontrar.

Leia deu de ombros, pois estava impressionada também.

— Parece que não demorou muito.

— Mostre a todos — pediu Mon Mothma.

Leia colocou o cartão no dispositivo apropriado e um mapa de setor apareceu no monitor, com nomes familiares em várias estrelas. Ao centro, cercada por vários pontos luminosos sem nome, um dos sistemas piscava, em vermelho. No rodapé do mapa havia um pequeno texto, contendo dados planetários.

— Então essa é a toca do Imperador — comentou Bel Iblis, inclinando-se para a frente. — Sempre me perguntei onde ele escondia aqueles dispositivos interessantes que davam a impressão de desaparecer misteriosamente dos depósitos oficiais.

— Se é que o lugar é esse mesmo — murmurou Drayson.



— Presumo que possa confirmar a informação com o capitão Solo — disse Mon Mothma, olhando para Winter.

Ela hesitou.

— Na verdade, não veio direto dele.

— Como assim? — estranhou Leia. — Foi de Luke?

— Tudo o que posso dizer é que a fonte é confiável —; declarou Winter.

Houve um momento de silêncio enquanto todos pensavam.

— Confiável? — repetiu Mon Mothma.

— Sim.

Mon Mothma voltou-se para Leia.

— Este Conselho não está habituado a que se neguem informações. Quero saber de onde vieram essas coordenadas.

— Desculpe, mas o segredo não me pertence para que eu possa revelar — afirmou Winter.

— A quem pertence?

— Também não posso revelar.

O rosto de Mon Mothma tornou-se pétreo. Bel Iblis interveio antes que ela voltasse a falar.

— Não interessa, pelo menos por enquanto. Se esse planeta é ou não o centro de clonagem, não há nada que possamos fazer quanto a isso, até que termine a operação Bilbringi.

— Não vamos mandar apoio? — quis saber Leia, apreensiva.

— Impossível — afirmou Sesfan, sacudindo a cabeça. — Todas as naves e o pessoal disponível já está comprometido no ataque a Bilbringi. Da forma que está, teremos de deixar vários sistemas desguarnecidos.

— Em especial quando não sabemos se é o lugar certo — insistiu Drayson. — Poderia ser uma armadilha do Império.

— Não é uma armadilha — protestou Leia. — Mara não trabalha mais para o Império.

— Só temos sua palavra quanto a...

— Mesmo assim, não importa — interrompeu Bel Iblis, a voz dominando o ambiente. — Veja ao pé do mapa, Leia. Diz que todas as indicações apontam o fato de que aterrissaram sem ser percebidos. Quer mesmo arriscar o elemento surpresa enviando outra nave para a área?

Leia sentiu medo. Garm tinha razão.

— Então talvez o ataque a Bilbringi deva ser adiado — disse Fey'lya.

Leia voltou-se para o bothan, percebendo que os outros faziam o mesmo.

Era a primeira vez que ele falava, desde o incidente com a Frota *Katana*.

— Acredito que isso esteja fora de questão, conselheiro Fey'lya — declarou Mon Mothma. — Sem mencionar os preparativos que teriam sido em vão, é absolutamente imperativo que retiremos esses asteróides camuflados de sobre nossas cabeças.

— Por quê? O escudo nos protege. Temos suprimento para vários meses e comunicações com o resto da Nova República. É só pelo medo de parecer fraco e indefeso? — perguntou o bothan, com o pelo arrepiado.

— Aparências são importantes para a Nova República — lembrou Mon Mothma. — O Império governa pela força e pela ameaça; nós governamos pela liderança e inspiração. Não podemos permitir que eles nos prendam aqui contra a nossa vontade.

— Isso está além das aparências. Os bothan conheciam o Imperador... conheciam seus desejos e ambições, talvez até melhor do que muitos aliados dele. Existem coisas naquele depósito que nunca mais deveriam ser expostas à luz outra vez. Armas e dispositivos que Thrawn um dia vai encontrar e lançar contra nós a menos que possamos evitar.

— Faremos isso — garantiu Mon Mothma. — E não vai demorar. Mas depois de danificarmos os estaleiros de Bilbringi e de conseguirmos um emissor CGT.

— E o capitão Solo e o irmão da conselheira Organa Solo? As linhas ao redor da boca de Mon Mothma enrijeceram.

Por mais que a lógica militar indicasse, Leia percebeu que ela não gostava de abandoná-los à própria sorte.

— Tudo o que podemos fazer por eles no momento é continuar com nossos planos. Atrair a atenção do Grande Almirante para o nosso

ataque falso a Tangrene — afirmou ela, voltando-se para Drayson. — O que estávamos a ponto de discutir, almirante?

Drayson aproximou-se outra vez do monitor holográfico — Vamos iniciar com o estado das preparações para a ataque em Tangrene — começou ele, acionando seu marcador luminoso.

Leia olhou de lado para Fey'lya e para os sinais óbvios de agitação ainda visíveis no rosto do bothan. O que existiria guardado naquelas montanhas, que pudesse provocar tanto medo nele?

Talvez fosse melhor não saber.

Pellaeon penetrou na ante-sala pouco iluminada que levava aos aposentos de Thrawn, os olhos procurando ao redor, sabendo que Rukh encontrava-se em algum lugar, entretido em seus irritantes jogos noghri. Deu um passo na direção da porta da sala do Grande Almirante, depois mais um...

Sentiu uma agitação no ar próxima à nuca. Pellaeon virou-se, as mãos saltando para a postura de defesa ensinada na academia.

Porém não havia ninguém ali. Olhou ao redor, procurando um local que pudesse servir de cobertura para o noghri...

— Capitão Pellaeon — murmurou a voz felina, atrás dele.

Virou outra vez. Novamente não havia ninguém ali; enquanto seus olhos procuravam, Rukh avançou, vindo de suas costas.

— O senhor é esperado — disse o noghri, apontando com sua faca de assassino em direção à porta.

Pellaeon encarou-o. Prometeu a si mesmo que um dia iria conseguir convencer Thrawn de que um Grande Almirante do Império não precisava de um guarda-costas alienígena arrogante para protegê-lo. E quando isso acontecesse, ele teria um prazer especial em mandar matá-lo.

— Obrigado.

Entrou, esperando ver o aposento cheio de arte alienígena. Em parte, estava certo, mas havia uma diferença: mesmo os olhos leigos de Pellaeon podiam perceber que duas espécies de arte estavam sendo representadas. Estavam distribuídos em lados opostos da sala, com um grande holograma tático do sistema Tangrene preenchendo o centro.

— Entre, capitão — chamou Thrawn, do anel de comando.

— Quais as novidades de Tangrene?

— Os rebeldes estão movendo as forças para posições de ataque — informou Pellaeon, caminhando entre as esculturas e o holograma na direção do superior. — Esgueirando-se para cair na armadilha.

— Que cooperativos eles são — comentou o Grande Almirante, gesticulando para o grupo de esculturas à sua direita.

— Arte Mon Calamari. O que acha?

Pellaeon observou as reproduções enquanto se aproximava. Pareciam tão primitivas e repulsivas quanto os próprios mon calamari.

— Muito interessante.

— É mesmo. Aquelas duas peças em particular... foram criadas pelo próprio almirante Ackbar.

O capitão examinou as esculturas mencionadas.

— Não sabia que o almirante Ackbar se interessava por arte.

— Há algum tempo. Essas esculturas foram feitas na época em que ele nem haviam aderido à Rebelião. Ainda assim, nos dá informações valiosas sobre o caráter dele. Como aquelas — apontou Thrawn, indicando a coleção ao lado oposto. — Foram escolhidas pessoalmente por nosso adversário corellian.

Pellaeon observou com interesse renovado. Então o senador Bel Iblis escolhera aquelas obras pessoalmente...

— De onde vieram? Do escritório no Senado?

— Aquelas, sim — respondeu o Grande Almirante, indicando um grupo menor. — As outras são da casa dele; e aquelas ali, de sua nave particular. A Inteligência descobriu quase por acidente essas gravações, nos dados entre o que recolhemos em Obroa-skai. Com que então os rebeldes estão se dirigindo para a ratoeira, é?

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, contente por retorna a um assunto do qual entendia. — Recebemos mais dois relatórios indicando movimentos de naves de apoio rebeldes para posições no sistema Draukyze.

— Mas não de forma óbvia?

— Como assim, senhor?

— Estou perguntando se eles estão mesmo sendo cuidadosos com esses preparativos. Se estão recrutando aos poucos as naves de Inteligência de outras missões... movendo e reformulando as frotas de setor para poder liberar naves importantes... esse tipo de coisa. Nunca de

forma óbvia. Sempre fazendo a Inteligência do Império trabalhar duro para juntar os pedaços — explicou Thrawn, com uma expressão diferente no olhar rubro.

— Quase como se Tangrene fosse mesmo o alvo verdadeiro.

Pellaeon abriu a boca, surpreso.

— Está dizendo que não é?

— Exatamente, capitão.

Pellaeon olhou para o holograma de Tangrene. A Inteligência oferecera noventa e quatro por cento de probabilidades para esse ataque.

— Mas se não vão atacar Tangrene... então onde vai ser?

— No último lugar que esperamos — afirmou Thrawn, acionando um controle e trocando a imagem de Tangrene por outro planeta.

— *Bilbringi*? — exclamou Pellaeon, sem conseguir conter-se. — Mas, senhor, isso é...

— Loucura? Claro que é. A insanidade de humanos e alienígenas que aprenderam da forma mais difícil que não podem me enfrentar frente a frente. Sendo assim, tentam utilizar minha própria habilidade estratégica e tática contra mim. Fingem cair na minha armadilha, torcendo para que eu repare na sutileza dos movimentos e interprete como declaração de veracidade desse ataque. E enquanto eu fico feliz com a minha perspicácia, eles preparam o verdadeiro ataque.

Pellaeon olhou para as esculturas de Bel Iblis.

— \_ Devíamos esperar alguma confirmação antes de remover efetivos de Tangrene, Grande Almirante — sugeriu ele, cautelosamente. — Poderíamos intensificar nossa atividade de Inteligência na região de Bilbringi. Ou talvez a Fonte Delta possa confirmar isso.

— Infelizmente a Fonte Delta foi silenciada — disse Thrawn. — Mas não precisamos confirmar essa informação. Esse é o plano da Rebelião e nós não podemos arriscar tudo com a presença óbvia da Inteligência. Eles acreditam que me enganaram. Nossa tarefa agora é fazer com que continuem acreditando nisso.

Pellaeon viu o sorriso do Grande Almirante alargar-se.

— Afinal, capitão, não faz diferença se vamos esmagá-los em Tangrene ou em Bilbringi. Diferença nenhuma.